

Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2:
A clínica da fantasia

Marco Antonio Coutinho Jorge
Rio de Janeiro: Zahar, 2010, 288 págs.

A fantasia e sua travessia

Alessandro Melo Bacchini*¹

342

No segundo volume dos *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, Coutinho Jorge aborda a *fantasia* — definida em articulação à pulsão e ao inconsciente — de forma a situar o segmento da obra de Freud então intitulado “ciclo da fantasia”, em que se verifica grande produtividade, reorganização e ressignificação de conceitos fundamentais. Com essa via de análise, tem-se a elevação da fantasia ao estatuto de um conceito, por seu caráter fundador e mediador do encontro do sujeito com o real.

Os conceitos fundamentais de inconsciente e a pulsão abrem caminho ao que Coutinho Jorge nomeia como o *ciclo da fantasia*, período fértil de produção freudiana que pode ser situado entre os anos 1906 e 1911, onde são destacadas as seguintes obras: “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” (1907[1906]), “O poeta e o fantasiar” (1908[1907]), “Fantasias

*¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (Rio de Janeiro, RJ, Br).

históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908), “Sobre as teorias sexuais da criança” (1908), “Romances familiares” (1908), e “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911).

Deve-se notar que a conclusão do ciclo da fantasia em um mesmo período de estudo voltado ao caso Schreber (1911) cumpre a fundamental função de apreender a estrutura do delírio como análoga à da fantasia no psiquismo, uma vez que ambos regulam, de forma diversa, a relação do sujeito com a realidade. O lugar da fantasia no aparelho psíquico tem por função primordial produzir uma satisfação que, se por um lado é negada na realidade, por outro continua a ser exigida pela pulsão — conciliação, portanto, de dois imperativos antagônicos: o do pulsional e o da realidade.

No segundo momento dos *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, trabalham-se os conceitos de sintoma e fantasia, e articulam-se os temas do amor e do gozo. Para tanto, a criação do conceito de pulsão de morte e a releitura da função da fantasia apontam para uma maior compreensão da relação entre real e realidade, bem como as contenções exercidas pela fantasia ao real do gozo destrutivo da pulsão de morte. Fantasia — relacionada à neurose — e delírio — relacionado à psicose — constituem, assim, esforços simbólicos e imaginários diante do inassimilável do real, possibilitando a formação do laço social.

Os conceitos de pulsão e inconsciente são então aproximados, a partir de Lacan, com a leitura da estrutura do Real: elemento conceitual que categoriza o impossível de ser simbolizado. Este será o núcleo comum que se traduz em duas formas distintas: seja no campo da linguagem — do inconsciente — em que o real pode ser representado pelo $S(A)$, falta do significante da diferença sexual no inconsciente; seja no campo da sexualidade — pulsão — onde o real é nomeado como objeto a — falta no imaginário do objeto do desejo. De outro modo, pode-se dizer que o inconsciente é um saber, mas um saber não todo que, da falta, somente reconstitui a dimensão de seu enigma.

Se para Lacan toda pulsão é pulsão de morte, ainda que aquela mostre sua face sedutora de pulsão sexual, ela deseja — em última instância — obter por meio do objeto sexual o objeto impossível — *das Ding*. De fato, valorizando a contribuição de Freud (1920) em “Mais além do princípio de prazer”, em que a repetição é situada em dependência da pulsão de morte, tem-se um alcance clínico ampliado no que diz respeito ao sintoma: este é o que se repete na transferência. Nesse sentido, a análise opera a travessia do sintoma à fantasia a ele subjacente, desembocando no real que sustenta a estrutura psíquica não toda estruturada como uma linguagem pelo simbólico.

Todo este percurso ocorre na neurose onde há a ação do Nome-do-Pai na operação do recalque originário. Como resultante, a instauração da fantasia fundamental como matriz do inconsciente constitui uma forma fixa e repetitiva do sujeito se relacionar com a causa do desejo. Já na psicose, ocorre algo diverso, pois a forclusão do significante Nome-do-Pai resulta numa falha do recalque originário. Com essa falha, a fantasia não é instaurada e o psicótico tenderá a produzir um delírio para preencher essa lacuna.

Para estabelecer diferenciações entre neurose e perversão, Coutinho Jorge utiliza-se do matema da fantasia: $\$ \leftrightarrow a$. A partir deste, pode-se verificar dois polos: de um lado o \$, o polo inconsciente, o sujeito constituído pela linguagem e por ela mesma barrado em sua completude; de outro, o polo pulsional, com o elemento que se inscreve na fantasia como o mais-gozar. Com essa construção, Coutinho Jorge postula que, em última instância, a fantasia é sempre de *desejo de completude*, constituída em torno de dois polos diferenciados: amor e gozo.

Tal noção de gozo é apreendida do sentido lacaniano como algo para sempre perdido — perda inscrita justamente quando houve a entrada do sujeito no mundo simbólico. Disso, depreende-se a oposição entre saber e gozo, pois onde o simbólico inscreve o sujeito falante não há mais gozo. Nesse sentido, a neurose é um não querer saber operado pelo recalque, é um gozar no sintoma. Sobre a fantasia, esta seria uma tentativa de preencher o gozo perdido, construindo-se essencialmente como fantasia de completude.

Chegando à terceira e última parte de seu trabalho, Coutinho versa acerca da travessia em que se dá o despertar para o não sentido do real. Esse sentido é empregado em seu ensino com referência ao terceiro momento das contribuições teóricas de Lacan, em que a travessia da análise implica um mais-além da travessia da fantasia em seus sentidos voltados para o simbólico e o real. Para tanto, Coutinho Jorge lança mão da análise estética e literária, bem como de sua admirável experiência clínica, o que revigora o desenvolvimento teórico da experiência do despertar. Além disso, chama atenção a leitura magistral de Clarice Lispector, tomada por Coutinho Jorge como exemplar de uma sensibilidade que toca tão profundamente a alma humana em sua radicalidade.

Citação/Citation: Bacchini, A.M. (2016, junho). A fantasia e sua travessia. Resenha do livro Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol. 2: A clínica da fantasia, de Marco Antonio Coutinho Jorge. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(2), 342-345.

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

Editor do artigo/Editor: Profa. Dra. Sonia Leite

Recebido/Received: 26.9.2015/ 9.26.2015 **Aceito/Accepted:** 30.10.2015 / 10.30.2015

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

345

ALESSANDRO MELO BACCHINI

Doutorando em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (Rio de Janeiro, RJ, Br); Mestre em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará – UFPA (Belém, PA, Br); Membro do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (LPPF – Belém/PA) e pesquisador Associado do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio.

Rua Riachuelo, 257/421 – Centro

22023-011 Rio de Janeiro, RJ, Br.

alessandromelobacchini@gmail.com



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.